

Metalinguagem e tecnologia nos marcadores de reformulação

Metalinguage and technology in reformulation markers

Jucilene Aparecida Arruda MONTEIRO*

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Roberlei Alves BERTUCCI**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

RESUMO: Este trabalho analisa marcadores de reformulação (*ou seja, isto é*) como elementos metalinguísticos que materializam a tecnologia cognitiva, na medida que contribuem para a realização de propósitos cognitivos (Dascal, 2002). Propomos que tais marcadores evidenciam uma necessidade de reformular o texto e, por isso, também há um caráter metalinguístico nesses itens. Ademais, sugerimos que tal reformulação tem relação direta com a argumentação (Perelmann; Olbrechts-Tyteca, 1996). O *corpus* é formado por avaliações escritas de 15 estudantes, num total de 45 produções, em que se observou um total de 41 marcadores de reformulação, sendo os mais frequentes, *ou seja, em outras palavras* e *isto é*. Concluímos que o uso deles privilegia a reescrita de trechos teóricos, num caráter descritivo, mas também tem um valor argumentativo, à medida que tal estratégia pode convencer o leitor (professor) de que houve um entendimento da teoria em análise.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores de reformulação. Metalinguagem. Tecnologia Cognitiva.

ABSTRACT: This paper analyzes markers of reformulation (like *that is*) as metalinguistic elements that materialize cognitive technology, contributing to the achievement of cognitive purposes (Dascal, 2002). We propose that such markers highlight a need for text reformulation, thus possessing a metalinguistic character. Furthermore, we suggest that this reformulation is directly related to argumentation (Perelmann; Olbrechts-Tyteca, 1996). The *corpus* consists of written evaluations from 15 students, totaling 45 productions. A total of 41 markers of reformulation were observed, with the most frequent being 'i.e.', 'in other words,' and 'that is.' We conclude that their use contributes to the rewriting of theoretical excerpts, related to both a descriptive purpose and an argumentative value, as this strategy can persuade the reader (professor) about the understanding of the theory under analysis.

KEYWORDS: Reformulation marker. Metalanguage. Cognitive technology.

* Mestre em Estudos de Linguagens; Universidade Tecnológica Federal do Paraná-Curitiba. lijw2005@gmail.com.

** Doutor em Letras; Universidade Tecnológica Federal do Paraná-Curitiba. bertucci@utfpr.edu.br.

Introdução

Toda manifestação linguística é uma ação no mundo e uma materialização da capacidade inata e cognitiva da linguagem humana. O conhecimento intrínseco e inacessível da linguagem é denominado por Culioli de **epilinguístico**, enquanto o conhecimento manifestado explicitamente é chamado de **metalinguístico** (Culioli; Normand, 2005). Tal como afirma Jakobson (1995), todo falante, para usar sua língua, precisa saber algo sobre essa língua, mesmo que seja o “simples” significado dos seus termos (e as diferenças entre eles, por exemplo). Por isso, todo falante tem algum conhecimento metalinguístico, ainda que não seja o do cientista.¹

A materialização da linguagem tem sua fonte primeira na cognição, que articula diferentes processos no cotidiano humano, sendo a linguagem um dos principais. Neste trabalho, assumimos a proposta de Dascal (2002) de que a linguagem humana e as línguas naturais, por consequência, podem ser entendidas como tecnologias cognitivas. Isso significa que, para o autor, ferramentas (criadas ou não) capazes de contribuir para que determinados propósitos humanos se concretizem podem ser chamadas de *tecnologias cognitivas*. Tais ferramentas ajudam o homem na expressão de diferentes processos, como a avaliação, a exposição, as crenças etc.

É relevante destacar que qualquer propósito de interação realizado por meio da linguagem exige um grau de planejamento; isso fica muito mais evidente no caso das produções escritas, sobretudo em contextos monitorados, como redações e provas. Nesse sentido, é possível relacionar tais produções com a própria capacidade humana de produzir tecnologia, tal como se defende em Vieira Pinto (2013) e Cupani (2016). Consequentemente, as produções escritas são um tipo de tecnologia (geral), por exigirem planejamento prévio, mas são também tecnologias cognitivas, por serem realizadas com propósitos cognitivos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os marcadores de reformulação como elementos metalinguísticos que materializam a tecnologia cognitiva, tomando como foco de análise produções escritas de calouros do curso de Letras da UTFPR-Curitiba. Como se verá na metodologia, o *corpus* é composto de avaliações escritas realizadas por

¹ Em português, alguns trabalhos apresentam questões relativas aos conhecimentos epilinguístico e metalinguístico. Por questões de espaço, não vamos detalhar esse tópico, mas indicamos aos leitores, entre outras referências, Auroux (2009), Flôres (2011), Franchi (1992) e Romero (2011).

15 estudantes em 2018, as quais eram compostas de três questões avaliativas – perfazendo um total de 45 produções analisadas.

Focando em produções escritas dos calouros, neste trabalho analisamos a ocorrência de marcadores de reformulação – tais como *ou seja, isto é, em outras palavras, por outras palavras, quer dizer, dito de outro modo, isso significa que*, entre outros. Uma vez que essa reformulação passa, primeiro, pela cognição, entendemos que tais elementos materializam a ideia de tecnologia cognitiva presente em Dascal.

Entendemos que o sujeito, em suas produções, usa tais marcadores com o objetivo de retificar, dar maior precisão ou redefinir um trecho apresentado antes (Koch, 1996; Arbursti; Romanini, 2018). Para além desse aspecto, defendemos também que tal estratégia está adequada à formulação dos chamados “argumentos de definição” (Perelmann; Olbrechts-Tyteca, 1996; Wachowicz, 2010), cujo objetivo é contribuir para o convencimento do leitor em relação àquilo que se defende, estabelecendo uma relação de equivalência entre os trechos (pré e pós reformulação). Por isso, concluímos que os marcadores têm uma função clara de redefinir o que foi apresentado, ao mesmo tempo que contribuem para uma estratégia argumentativa por parte do falante. Vejamos um exemplo dos dados encontrados no *corpus* pesquisado:

(1) Para Saussure, o valor do signo linguístico é sua significação. Esse valor se constrói em duas etapas: na relação de troca da palavra com um conceito, e na relação com outras palavras. **Ou seja**, o valor do signo depende do seu contexto de aplicação, não se restringindo somente a seu significado.²

Nesse caso, o estudante, ao explicar a noção de **valor** para Saussure redefine a ideia anterior, ampliando a noção de “significação” e das etapas de construção desse valor. Com o uso de “ou seja”, o estudante marca uma necessidade de reformular o trecho anterior, promovendo uma ressignificação do trecho. No contexto de uma atividade avaliativa, defendemos que o emprego desse recurso tem função de ferramenta, nos termos de Dascal (2006), uma vez que também tenta convencer o leitor (o professor corretor da questão) de que houve um entendimento da teoria de Saussure.

Tomando como base os pressupostos apresentados, este trabalho se propõe a responder duas perguntas, as quais são essenciais para se atingir o objetivo proposto acima: Primeiro, de que modo os marcadores de reformulação ocorridos nos textos podem ser lidos a partir da perspectiva dascaliana? Segundo, de que forma os

² No *corpus*, o trecho é parte do texto 5_1_18.1, referente à Questão 3.

marcadores utilizados contribuem para a estratégia argumentativa nos textos dos estudantes? Nossa hipótese é de que os marcadores sejam tanto recurso como ferramenta, por serem utilizados da forma consciente nos textos, com o propósito retórico de convencer o leitor (professor) a respeito da apropriação do conteúdo parafraseado. O artigo se organiza assim: na Seção 1, tratamos da relação entre linguagem e tecnologia cognitiva, apresentando aspectos relevantes para a análise dos marcadores de reformulação nos textos escritos. Na Seção 2, destacamos aspectos relacionados à metalinguagem, definição dos marcadores de reformulação e argumentação. Finalmente, na parte 3, apresentamos o resultado da análise com os textos de calouros.

1 Linguagem e tecnologia cognitiva

A linguagem permeia todas as ações humanas. Diferente da linguagem de outras espécies, a qual é basicamente comunicacional, no ser humano a linguagem pode ser considerada uma ferramenta para o estabelecimento da espécie, quer em suas relações, quer no seu pertencimento ao mundo, no modo como constrói sentidos (Cassirer, 2012).

É ela o que permite a compreensão entre os indivíduos, ao mesmo tempo que é o que os faz agir no mundo. É, portanto, como sugere Cassirer (2012), a ferramenta principal para simbolizar a realidade e tudo o que lhe contém.

Seguindo uma tradição relativa à filosofia da linguagem do século XX (Austin, 1990; Searle, 2002; Grice, 1957), entendemos que os enunciados produzidos vão além de palavras emitidas e, por isso, não se resumem a simples proferimentos. Eles materializam ações que fazemos por meio da linguagem, tais como afirmar, pedir, interrogar, emitir ordem etc., estando diretamente relacionados às intenções que temos ao proferir uma sentença. Nessa perspectiva, podemos dizer que cada enunciado produzido é planejado pelo falante, de modo a cumprir um objetivo específico. Logo, a linguagem é um modo de agirmos no mundo e nas pessoas.

Para nós, é relevante, ainda, relacionar tal fato à ideia de Dascal (2002) de que a linguagem humana seja uma “tecnologia cognitiva”. Para o autor, esse tipo de tecnologia se caracteriza pela capacidade do ser humano de usar diferentes recursos inatos ou não, capazes de contribuir para nossos objetivos cognitivos. Estes são

entendidos pelo autor como “estados mentais (conhecimento, opinião, crença etc.) ou processos cognitivos (percepção, memorização, classificação etc.). Tais processos levam (ou ajudam a chegar) a estados cognitivos.” (Dascal, 2002, p.2)”

Mas, o que seria **tecnologia**? A tecnologia é essencialmente a capacidade do ser humano de planejar algo diferente (Vieira Pinto, 2013; Cupani, 2016), exatamente por não se conformar com a realidade tal como se apresenta (Ortega y Gasset, 1965). Para que isso ocorra, é preciso que se desenvolvam instrumentos e mecanismos adequados para a concretização do plano. Nota-se, então, que é necessária uma intensa capacidade de abstração, de visão além da realidade, o que, para diferentes autores (Vieira Pinto, 2013; Cupani 2016, Ortega y Gasset, 1965) é uma condição oferecida pela linguagem. Nesse sentido, a linguagem oferece ao homem a capacidade de organizar o seu raciocínio e de planejar o mundo desejado. Assim, a língua natural como materialização da capacidade humana antecede a tecnologia (Vieira Pinto, 2013). Mas, ao mesmo tempo, ao oferecer meios de planejar a realidade, pode ser transformada também em tecnologia. Nesse sentido, relacionamos a ideia de planejamento como essencial ao uso da língua, em especial à produção de textos. Vieira e Faraco (2019, p. 22) entendem que “o texto escrito, justamente pela ausência do interlocutor, exige de nós um planejamento prévio”. Tal fato justifica a produção do texto como um processo tecnológico. Portanto, entender e dominar a produção de texto é, conseqüentemente, ter um domínio tecnológico.

Assumimos, seguindo Dascal (2002), a linguagem como uma tecnologia cognitiva. Vamos argumentar o porquê. Em uma definição perspicaz de tecnologia Cupani (2016, p. 14) entende que a tecnologia se apresenta “não apenas em forma de objetos e conjuntos de objetos, mas também como sistemas, como processos como modos de proceder, como certa mentalidade”. Compreendemos que tal definição endossa a proposta de Dascal (2002) de que a linguagem seria uma tecnologia cognitiva. Para este autor, **tecnologia cognitiva** é toda tecnologia usada para realizar tarefas complexas, materializada por quaisquer meios materiais ou mentais que tenham objetivos cognitivos. Assim, se um mnemônico usado com finalidade de memorizar algo, pode ser uma tecnologia cognitiva, muito mais a escrita tem esse potencial de tecnologia cognitiva, uma vez que proporciona meios de se atingir diferentes finalidades cognitivas, como convencer, avaliar, crer, memorizar entre inúmeros outros. Para o

autor, as línguas naturais, inclusive, podem estar no conjunto de tecnologias cognitivas, porque

evoluíram – genética e culturalmente – visando certas necessidades humanas e algumas de suas características podem ter sido apropriadas (deliberadamente ou não) para satisfazer outras necessidades além daquelas que as levou a emergir em primeiro lugar. Na medida em que essas necessidades são ‘cognitivas’, é apropriado ver as características correspondentes das línguas naturais e seu uso como ‘tecnologias cognitivas’ (Dascal, 2002, p. 34).³

O autor propõe, então, que a linguagem seja vista como uma realidade tripartite: como **ambiente**, como **recurso**, e como **ferramenta**.

No primeiro caso, o autor destaca a sistematização e os padrões presentes nas línguas naturais. Para ele, esse traço influencia diretamente atividades cognitivas, tais como o raciocínio lógico e a busca de padrões. Por outro lado, o autor valoriza as violações que os contextos impõem a esses padrões, componentes retóricos e pragmáticos da linguagem, sugerindo que essas violações também contribuem para que possamos buscar alternativas não sistematizadas anteriormente, sempre que estamos diante de um problema novo. Ou seja, tanto a forma quanto o uso da linguagem estão diretamente relacionados com nossas tarefas cognitivas.

Quanto à ideia de que a linguagem seja um recurso, Dascal sugere que ela permite que façamos operações linguísticas simples e cotidianas relacionadas a tarefas cognitivas. É o caso das paráfrases, que sugerem uma releitura daquilo que a memória guardou. Outro exemplo é a possibilidade que a língua oferece para que façamos avaliações entre elementos no mundo, indicando sinônimos e antônimos. Esses e muitos outros recursos são um exemplo da riqueza linguística que pode ser usada para nossas tarefas cognitivas.

Finalmente, Dascal entende que a linguagem é também uma ferramenta para tarefas cognitivas sempre que elementos da língua servem como utensílios adequados a propósitos cognitivos específicos. É o caso das ontologias (definições), que contribuem para a caracterização da natureza das coisas no mundo, sendo ferramentas indispensáveis para a formulação do nosso conhecimento sobre como o mundo funciona, nossa construção de estado mental de “conhecer as coisas”. Vale dizer ainda

³ Todas as traduções de trechos de Dascal (2002) são nossas.

que, na proposta do autor, um recurso, disponível na língua, pode se converter em ferramenta se for usado para uma tarefa específica.

Assim, Dascal entende que, embora inata, a linguagem foi adaptada pelo homem para, entre tantas outras finalidades, produzir conhecimento inclusive sobre si mesma. Elementos metalinguísticos seriam um exemplo de que a linguagem como meio tem recursos capazes de se transformarem em ferramentas para nosso conhecimento (sobre ela mesma, nesse caso). Nesse contexto, os marcadores argumentativos, conectivos e outras estratégias textuais contribuiriam para objetivos cognitivos específicos do falante, como expor uma ideia, defender um ponto de vista, avaliar uma situação etc. São, portanto, exemplos de “tecnologias cognitivas linguísticas”.

Nesse sentido, propomos que os marcadores de reformulação, como *ou seja, isto é, em outras palavras* etc., sejam, então, um recurso retórico utilizado pelo falante, já que o falante, ao empregá-los, faz uma ancoragem dele em relação a um trecho anterior (reformulado, A) e, ao mesmo tempo, projeta um trecho posterior (a própria reformulação, B). É, portanto, o modo de apresentar um conteúdo prévio (indicado em A) por meio de outras palavras que poderá levar o leitor a um entendimento melhor sobre o conteúdo (indicado em B).

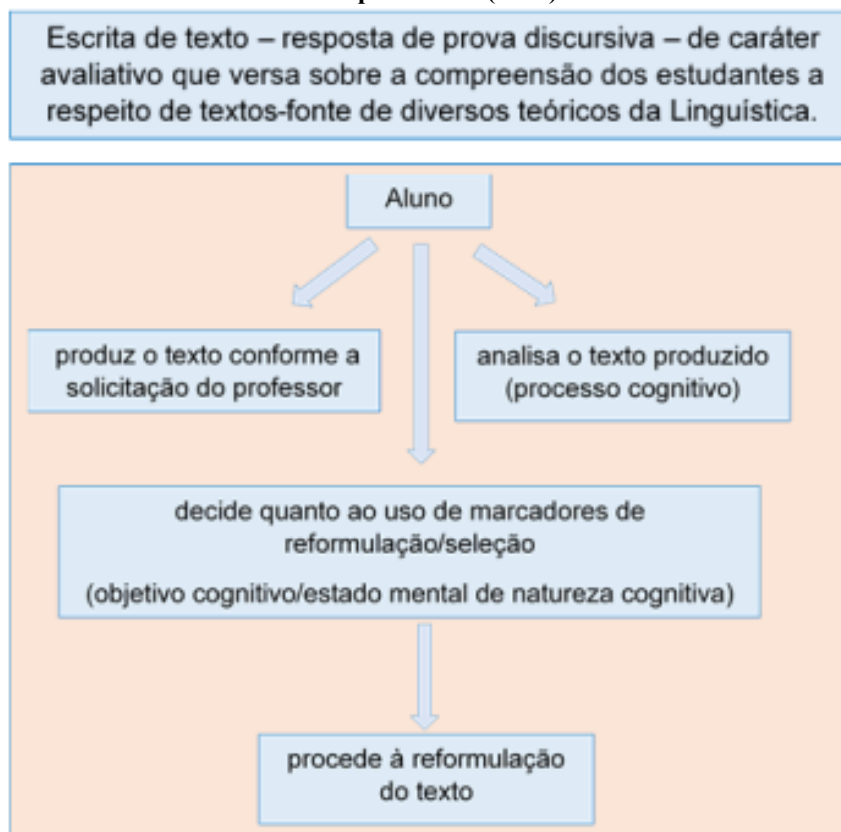
Podemos dizer, ainda, que marcadores de reformulação, são essencialmente **recursos** usados conscientemente para propósitos cognitivos específicos por parte do falante. Por outro lado, sendo elementos de reformulação, são também **ferramentas** disponíveis ao falante para redefinir determinados termos/trechos, a partir de seu caráter metalinguístico. Assim, o falante pode estrategicamente empregar um marcador de reformulação para reescrever um trecho (A) a partir de um objetivo retórico específico – em geral, tornar o trecho mais claro para o leitor. Na perspectiva dascaliana, paráfrases, redefinições e reformulações de enunciados são materializações da concepção da língua como ferramenta, uma vez que os recursos empregados nesses contextos redefinem aquilo que está posto. Nesse aspecto, vale acrescentar que o uso de tais elementos se conforma à posição de Dascal (2002) de que é da natureza da língua natural ser vaga, imprecisa, indeterminada, justamente para que possam adaptar seus recursos aos diferentes possíveis objetivos cognitivos. Ao mesmo tempo, é a tentativa de dar um conteúdo linguístico a um pensamento: aqui, a língua se torna uma tecnologia cognitiva

inigualável, já que nenhuma outra é capaz de transformar ideias, projetos e sensações em recursos expressivos tão compartilhados pelos falantes de um sistema.

Mas, devemos ressaltar, seu caráter **metalinguístico** é fundamental para se destacar entre outros sistemas semióticos. Para Jakobson (1995), todo falante, para usar e interpretar uma língua, precisa saber algo sobre ela própria. É, nesse viés, que o presente trabalho pretende focar, ao analisar os marcadores de reformulação como elementos metalinguísticos *per se*.

Dascal (2002) considera comum que alguns elementos linguísticos revelem uma reflexão do falante em relação à escolha linguística. Tal reflexão envolve a própria metacognição, uma vez que, para enunciar processos cognitivos, primeiro é preciso reconhecê-los. A Figura 1, a seguir, é uma tentativa de representar o processo de decisão do estudante pela escolha de um marcador de reformulação, a partir da proposta de Dascal.

Figura 1: Diagrama demonstrativo do uso de MRs sob a perspectiva de Tecnologia Cognitiva desenvolvida por Dascal (2002)



Fonte: Monteiro (2020, p. 45)

Nesse sentido, os recursos metalinguísticos da língua e a própria capacidade do ser humano de falar sobre esse sistema é fundamental para o posicionamento do indivíduo frente ao mundo. Defendemos, portanto, que os marcadores de reformulação materializem essa consciência cognitiva e linguística do falante, sendo recursos aplicados para **explicitar** uma reformulação do conteúdo sob análise. Os falantes utilizam esses recursos com objetivos cognitivos específicos, reforçando o caráter tecnológico cognitivo da linguagem humana e das línguas naturais por consequência.

2 Marcadores de reformulação: metalinguagem e argumentação

O objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos neste trabalho são os chamados **marcadores de reformulação**, tais como *isto é, ou seja, em outras palavras, dito de outra forma, quer dizer, isso significa que*, entre outros. Vamos assumir que a reformulação é um ato explícito de planejamento, feito por diferentes razões, como o inconformismo com o exposto, a necessidade de uma melhor explicação, por exemplo. Aliás, conforme orienta Fonseca (1992, p. 307-308),

são certamente múltiplos fatores que intervêm na reformulação. Entre eles conta-se em particular a tomada de consciência por parte do Locutor da não adequação do seu discurso às intenções designativas do universo de referência a activar, às condições do bom, eficaz e apropriado processamento da comunicação-interacção.

Por tudo isso, no corpo textual, os marcadores têm traços evidentes de metalinguagem, uma vez que são entendidos como elementos cuja função é precisar, revisar e redefinir algo exposto anteriormente. Poderíamos dizer, inclusive, que são um mecanismo daquilo que Jakobson (1995) chamou de “tradução intralinguística”, uma reestruturação do dito por meio de outras expressões dentro de uma mesma língua. Nesse contexto, Lier-de-Vitto e Fonseca (1997, p. 51) observam que reformulações, correções e autocorreções são “tomadas como evidências empíricas de uma capacidade que se diz metalinguística”. Por consequência, a partir das considerações realizadas aqui, tais marcadores de reformulação são também exemplos de tecnologia cognitiva, usados com objetivos cognitivos específicos.

Compreende-se, também, que os marcadores de reformulação são peças-chave para uma discussão sobre a vagueza, a imprecisão ou a indeterminação que as línguas

naturais carregam. A capacidade de negociar sentidos, de ressignificar textos e trechos é, pois, algo essencial para a construção de conhecimento e para a interação. Evidentemente, o uso dos elementos de reformulação contribui para essa negociação, com o intuito claro de expor, explicar ou convencer o leitor a respeito daquilo que se diz. É, aliás, aquilo que se encontra em Koch (1996) a respeito de tais elementos: sua função é de ajustamento e de precisão de sentido.

Consideramos, em consonância com Koch (1996), que a argumentatividade é inerente ao uso da linguagem, no sentido de que as escolhas linguísticas devem ser, de algum modo, justificadas (ainda que cognitivamente, apenas) no processo de interação. Por isso, ainda que os marcadores sob análise foquem no aspecto reinterpretaivo dos trechos a que se aplicam, entendemos, também em conformidade com a autora, que tais elementos sejam operadores argumentativos, uma vez que o ajustamento de sentido, a precisão e a reformulação têm força argumentativa (Koch, 1996).

Numa perspectiva semelhante, Wachowicz (2010) insere tais marcadores na lista dos itens que contribuem para a formação de o argumento de definição – seguindo a proposta retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Tal argumento “coloca em relação de identidade duas expressões: as que se quer conhecer o significado e a que traz o significado da primeira” (Wachowicz, 2010, p. 104). Nesse sentido, as noções de precisão, redefinição e reformulação encaixam-se perfeitamente nesse tipo de argumento, o que nos permite inserir os marcadores de reformulação como uma categoria que contribui para a argumentação. O produtor do texto se vale, assim, de tais recursos para construir seus argumentos.

Arbusti e Romanini (2018) defendem que os marcadores de reformulação sejam uma categoria linguístico-discursiva que permite uma reconfiguração de um trecho. Nesse sentido, defendem que tal “reconfiguração impõe uma diferença entre a primeira e a segunda versão do texto” (Arbusti; Romanini, 2018, p. 594), em concordância com aquilo que estamos defendendo neste trabalho. Em seu trabalho com textos de graduandos, as autoras notaram que eles apresentaram dificuldades em reconfigurar, de fato, o trecho modificado. O resultado do trabalho delas mostra que boa parte dos usos de tais elementos eram equivocados, no sentido de não efetivarem uma reformulação no trecho em uso. Para elas, uma das prováveis razões para isso é que os estudantes trabalharam com obras com as quais estavam pouco familiarizados. Quando tentavam

explicar os trechos teóricos, não eram bem-sucedidos. Assim, Arbusti e Romanini (2018) defendem que o uso de tais marcadores foi circunstancial pelos estudantes, sem caracterizar um efetivo processo de reformulação.

Contrariamente a Arbusti e Romanini (2018), nossa pesquisa não tem caráter pedagógico, no sentido de buscar um “bom emprego” dos marcadores de reformulação nos textos analisados. O trabalho das autoras buscava avaliar o entendimento dos estudantes em relação aos textos teóricos, observando, para isso, os trechos em que tais elementos linguísticos apareciam. Ainda que os textos sob nossa análise sejam também de graduandos, nosso olhar é de que os marcadores empregados não são circunstanciais, porque cada escolha não é gratuita. O objetivo não é olhar se o aluno entendeu a teoria em jogo, mas de que forma o emprego dos marcadores evidencia uma estratégia metalinguística em prol de uma reformulação e de uma argumentação no trecho em que são empregados. Mais uma vez, com Koch (2016, p. 64), assumimos que são “elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões”, o que condiz perfeitamente com as noções sobre argumentação. Consequentemente, assumimos o caráter descritivo-argumentativo dos marcadores de reformulação, propondo uma **reformulação** para as propostas apresentadas. Seguimos Monteiro (2020, p. 74), para quem

os marcadores de reformulação são elementos linguísticos que marcam uma estratégia de reformulação para o propósito cognitivo de explicar, retificar, dar maior precisão, e/ou, ainda, reforçar a argumentação do primeiro segmento de um determinado texto.

Entendemos que a estratégia dos falantes é aprimorar o texto (ou trecho) em questão, ainda que isso possa não ocorrer (como observam Arbusti e Romanini). Mesmo assim, pela tentativa e pelo propósito, são recursos que evidenciam a linguagem como uma tecnologia cognitiva. Passamos agora para a análise dos dados.

3 Análise dos dados

Nesta seção, vamos apresentar a metodologia e a análise dos dados que formaram o *corpus* deste trabalho. Entre as perguntas que formulamos para guiar a pesquisa, destacamos: a) Como os marcadores de reformulação ocorridos se relacionam

com a perspectiva dascaliana de tecnologia cognitiva? b) De que forma esses marcadores contribuem com a estratégia argumentativa nos textos?

3.1 Metodologia

A pesquisa foi realizada com a coleta de dados de textos de acadêmicos recém-ingressos no primeiro semestre de Letras da UTFPR de 2018. Os textos para análise eram formados por questões avaliativas da primeira avaliação na disciplina de Linguística Geral (ANEXO A), a qual aborda grandes correntes e teóricos da área, tais como Saussure e Chomsky. Depois das devolutivas das avaliações, os alunos da disciplina foram convidados a ceder seus textos para análise, sendo que 15 estudantes aceitaram fazer parte da pesquisa. A coleta foi devidamente inscrita e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR, cujo parecer tem o certificado 88328218.6.0000.5547.

As avaliações continham 3 questões dissertativas, perfazendo um total de 45 questões analisadas, e os textos completos estão disponíveis na nuvem institucional.⁴ Para cada questão, eram apresentados textos do cotidiano, como reportagens, notícias, cartazes etc., os quais deveriam ser analisados conforme a perspectiva teórica solicitada no enunciado da questão. Em todos os casos, era solicitado aos estudantes que **explicitassem, analisassem** ou **aplicassem** tais perspectivas nas questões solicitadas. Foram separados os textos com presença de marcadores de reformulação, com foco em *ou seja, isto é, quer dizer, em outras palavras, por outras palavras, dito de outra forma, isso significa que* e outros que porventura pudessem ter a mesma classificação. Em seguida, foram analisados alguns exemplos do *corpus*, excluindo-se a questão pedagógica, ou seja, a adequação do conteúdo reformulado com a concepção teórica em debate na avaliação do estudante – ao contrário do que fizeram Arbusti e Romanini (2018).

3.2. Resultados e análise

⁴ Disponível em: < <https://cloud.utfpr.edu.br/index.php/s/V6SUBFaD4V8mkYJ> > Acesso em 25 jul. 2024.

Primeiramente, vamos apresentar os resultados gerais da análise dos textos. No total dos 45 universos (15 alunos), foram 41 usos de marcadores de reformulação, sendo 29 casos de *ou seja*, 8 de *em outras palavras* e 4 de *isto é*.

Tabela 1: Número de ocorrências de marcadores de reformulação

Marcador	Ocorrências
<i>ou seja</i>	29
<i>em outras palavras</i>	08
<i>isto é</i>	04
TOTAL	41

Fonte: Os autores.

Percentualmente, do total de 41 usos, foram 71% de usos de *ou seja*, 19% de *em outras palavras* e 10% de *isto é*. Distributivamente, o índice foi de 0,9 marcadores de reformulação por questão, o que significa que, no universo, apenas 4 questões poderiam não ter apresentado tais itens. No entanto, os dados apontam que 8, dos 15 participantes, utilizaram esses marcadores, sendo que alguns participantes apresentam um único marcador, enquanto outros usaram diferentes marcadores em diferentes questões. Ainda que o índice de estudantes que utilizaram o recurso não seja categórico (cerca de 53%), é interessante notar que calouros tenham empregado marcadores de reformulação nas questões discursivas. Isso parece confirmar o fato de que o falante sabe o papel desses elementos, sobretudo no caso de textos que exigem uma explicação (como uma resposta teórica).

Passemos à análise de alguns casos observados no *corpus*. Os destaques nos marcadores de reformulação são sempre nossos. No primeiro caso, apresentado em (2), a seguir, aparece o marcador *ou seja*. No *corpus*, o trecho está presente no texto 1_1_18.1, referente à Questão 2.

(2) Utilizando como exemplo o signo mulheres explicarei o conceito de signo, significado e significante de acordo com a teoria de Saussure. Para Saussure o signo é o todo e suas partes são: significado (conceito de determinado signo) e significante (imagem acústica, **ou seja**, o som que ouvimos na mente), neste exemplo o signo mulheres une o conceito, indivíduo do sexo feminino, com a imagem acústica de caráter linear m-u-l-h-e-r-e-s, um som após o outro.

O texto é uma resposta à segunda questão da prova (Anexo A). Nele, o estudante, tem a intenção de clarificar, ou mesmo explicar de maneira mais precisa, partes fundamentais da teoria de Saussure sobre o signo linguístico, cujo texto teórico

serviu de base para a resposta do estudante – além das aulas da disciplina. O enunciado da questão solicitava uma aplicação a um dos textos apresentados na questão. O candidato seleciona a expressão “mulheres” como exemplo de signo linguístico e, nesse contexto, usa “ou seja” para explicar o que seria “imagem acústica”, parte constituinte da noção de signo linguístico.

Vale a pena indicar, no entanto, que também o uso dos parênteses tem uma função similar de explicação. Por exemplo: ao escrever “significado (conceito de determinado signo)”, o estudante utiliza os parênteses com função explicativa, no intuito de deixar claro ao professor que sabe o sentido da expressão “significado” na teoria saussureana. Por isso, entendemos que ali houve um processo de reformulação sem o uso de um marcador explícito de reformação, mas com o uso de uma pontuação específica para esse caso, os parênteses. Aliás, a substituição dos parênteses por “ou seja” ou outro marcador similar não causaria mudanças abruptas de sentido no texto.

Voltamos agora nossa atenção às questões centrais que embasaram nossa pesquisa, indicadas no início desta seção. A primeira questão diz respeito à teoria de Dascal (2002). Entendemos que a estratégia de reformulação, no caso em tela, com ou sem o marcador explícito, mostra recursos da língua utilizados como ferramentas para um propósito cognitivo específico, nesse caso, explicar os termos em questão e convencer o professor de que se sabia a resposta correta. Se nos voltarmos para o próprio procedimento do falante, percebemos simultaneamente tanto o uso de um **recurso cognitivo** que é a própria análise de que o trecho precisava de uma reformulação, quanto o emprego de um item **metalinguístico** como **ferramenta** para a materialização daquilo que fora planejado. Por isso, a reformulação é, sem dúvida, uma forma de materializar a tecnologia cognitiva.

A segunda questão diz respeito à argumentatividade presente nesses elementos. Igualmente, consideramos que o uso do marcador nesse trecho, ou mesmo da reformulação por parênteses, revela uma intenção do estudante de argumentar a favor de sua explicação. Pode-se considerar, inclusive, que o uso desses marcadores tem uma evidente função de identidade, configurando uma estratégia argumentativa relevante, tal como se vê em Wachowicz (2010). Como se trata de uma avaliação, sua intenção parece ser claramente a de mostrar que sabe empregar definições equivalentes para os termos técnicos apresentados. Nesse contexto avaliativo, sobretudo considerando o enunciado

das questões, a apresentação da terminologia sem uma explicação equivalente, uma reformulação, portanto, seria bastante inútil, pois apenas replicaria termos que estão no texto base, sem uma tentativa de mostrar ao docente que de fato se entendeu o que ali se lia. Por tudo isso, entendemos ser fundamental considerar a reformulação como uma estratégia mista, entre descrição, a própria reapresentação do conceito e a argumentação, o motivo pelo qual a reformulação foi feita. Vale ressaltar que, ao contrário de Arbusti e Romanini (2018), não pretendemos avaliar a correção no emprego das estratégias de reformulação do ponto de vista do conteúdo em discussão na questão.

Partamos para um segundo exemplo, agora com o uso de “em outras palavras”, num trecho da resposta à primeira questão da prova. O estudante faz a reformulação logo após uma citação de Perini (2001), uma das referências para a avaliação. No *corpus*, o trecho se refere ao texto 6_1_18.1, relativo à primeira questão.

(3) [...] “O que chamamos ‘língua’ é, assim, uma das realizações históricas da capacidade humana da linguagem”. O professor [Perini] ainda afirma que “a linguagem inclui as línguas entre as suas manifestações, mas não apenas as línguas”, **em outras palavras**: a linguagem é o todo, onde a língua é apenas uma parte dela. [...] Relacionado com as matérias citadas, percebemos que o termo “linguagem” na segunda matéria está incorreto. O uso correto seria “língua”, pois, de acordo com os autores que vimos anteriormente língua é parte da linguagem (...)

O uso do marcador acima é interessante porque o estudante usa-o não para reformular um trecho de própria autoria, mas de outrem, no caso de Perini. A parte reformuladora (“a linguagem é o todo, onde a língua é apenas uma parte dela”) introduz o conhecimento do estudante a respeito do trecho lido. Quando comparamos a outros casos ocorridos, este é um exemplo de que o estudante separa claramente a voz do autor (com uma citação) e a sua própria reformulação. Na maioria dos casos, a própria resposta é reformulada. Destacando as questões centrais propostas na pesquisa, observamos que o estudante faz um uso descritivo evidente do marcador, à medida que reescreve a citação apresentada por meio de suas palavras, como uma forma de explicitar seu entendimento.

Além disso, no trecho que segue, em que o estudante se propõe a aplicar as definições nas matérias sugeridas, vê-se que ele retoma essa reformulação para argumentar a favor do uso de ‘língua’ e não ‘linguagem’ no conteúdo do texto. Vê-se, aliás, que ele usa explicitamente essa reformulação (parte/todo) quando afirma “de acordo com os autores que vimos anteriormente língua é **parte** da linguagem”. Vê-se

claramente nesse caso que o estudante recupera a informação como uma estratégia argumentativa, a partir da definição que havia proposto. É, portanto, a estratégia de definição (Wachowicz, 2010) utilizada como recurso argumentativo no texto (Koch, 1996). Há, assim, uma junção das funções descritiva e argumentativa presente nessa categoria de reformulação.

Novamente, ressalta-se que houve uma avaliação cognitiva por parte do estudante ao efetuar a reformulação e evidenciá-la com um marcador específico, numa importante estratégia metalinguística. Na sequência, houve uma retomada dessa questão para o propósito cognitivo de argumentar, ou avaliar o correto emprego do termo ‘linguagem’. Assim como no caso anterior, é uma materialização da tecnologia cognitiva, conforme defende Dascal (2002).

Considerações finais

Neste trabalho, abordamos a presença de marcadores de reformulação em textos avaliativos de calouros de Letras. O objetivo foi analisar esses marcadores como elementos metalinguísticos que materializam a tecnologia cognitiva. Por isso, assumindo a ideia de que a tecnologia não se restringe a ferramentas externas ao ser humano (Cupani, 2016), seguimos Dascal (2002) na consideração de que todo recurso usado pelo ser humano com objetivos cognitivos específicos pode ser entendido como tecnologia cognitiva. Assim, os recursos da língua natural (os marcadores, no caso) utilizados com propósitos específicos (reformular/redefinir) materializam a noção de tecnologia cognitiva.

Consideramos ainda a abordagem de Arbusti e Romanini (2018) de que os marcadores de reformulação têm um caráter descritivo, à medida que sustentam uma identidade entre os trechos articulados por eles. Por outro lado, avançamos um pouco, ao assumirmos as posições de Koch (1996), de que tais marcadores são usados com uma estratégia argumentativa, e de Wachowicz (2010), que considera esses itens exemplos de elementos que sustentam uma identidade entre os trechos articulados. Assim, não restringindo o uso dos marcadores a uma questão pedagógica, de correção ou não no ato de reformular, entendemos que a estratégia de reformulação nos dados analisados tem um caráter descritivo, à medida que estabelecem uma semelhança entre os trechos, mas

também um caráter argumentativo, porque têm a clara intenção de convencer o leitor sobre o entendimento da teoria discutida na avaliação.

Por fim, entendemos que os marcadores de reformulação formam um conjunto interessante do ponto de vista da construção textual, seja no ensino básico, seja no superior. Nesse sentido, poderiam ser mais explorados por diferentes pesquisas com o intuito de investigar o modo como são aplicados e quais as consequências do seu uso. Por isso, acreditamos que as delimitações presentes neste trabalho constituem uma motivação para novas e aprofundadas pesquisas no tema.

REFERÊNCIAS

ARBUSTI M.; ROMANINI L. Escrituras iniciales en el discurso científico disciplinar y estructuras de reformulación. In: **Anais do IV Seminário Internacional de Estudos Sobre Discurso e Argumentação** (IV SEDIAR), p. 592-602. Ilhéus: Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2018. Disponível em: < https://www.sediar.com/files/ugd/9a9121_26a53032493a4d5c90c7b33deb29f0bd.pdf > Acesso em 04 dez. 2022.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

CULIOLI, A.; NORMAND, C. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris: Ophrys, 2005.

CUPANI, A. **Filosofia da Tecnologia: um convite**. 3. ed. Santa Catarina: UFSC, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187613> > Acesso: 04 dez. 2022.

DASCAL, M. **Language as a cognitive technology**. Tel Aviv University, 2002. Disponível em: < <https://m.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/ijct-rv.htm> >. Acesso em: 20 ago. 2021.

FLÔRES, O. C. (Meta) Linguagem. **Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 1, p. 243-261. Pelotas (RS): 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15389> > Acesso em 04 dez. 2022.

FONSECA, J. As articulações discurso-metadiscurso e as suas explorações na didática do português como língua estrangeira. In: FONSECA, Joaquim. **Linguística e Texto/Discurso: teoria, descrição, aplicação**. Lisboa: ICALP, 1992.

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. **Caderno de Estudos Linguísticos**, 22, p. 9-39, jan./jun. 1992. Disponível em: < <https://doi.org/10.20396/ce.l.v22i0.8636893> > Acesso em 04 dez. 2022.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad: Izidoro Blikstein. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LIER-DE VITTO, M. F.; CARIELO DA FONSECA, S. “Reformulação” ou “Ressignificação”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 33, p. 51-60. Campinas: Unicamp, 1997. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637095> > Acesso em 04 dez. 2022.

ORTEGA y GASSET, J. **Meditación de la técnica**. Madrid: Espasa-Calpe, 1965 (orig. 1939).

MONTEIRO, J. A. A. **Ocorrência de marcadores de reformulação em textos produzidos por alunos de graduação: uma interface descritivo-argumentativa**. 2020. 113 f. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020. Disponível em: < <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4978> > Acesso em: 04 dez. 2022.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação, a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERINI, M. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2001.

ROMERO, M. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: < http://revel.inf.br/files/artigos/revel_16_epilinguismo.pdf > Acesso em 04 dez. 2022.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. *Escrever na Universidade*. Col. Fundamentos, n. 1. São Paulo: Parábola, 2019.

VIEIRA PINTO, Á. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto: 2013.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. 1.ed. Curitiba: IBPEX, 2010.